

# SENTADOS, ELES VÊM A CIDADE PASSAR



O COBRADOR GILBERTO ALVES JÁ FOI ASSALTADO DUAS VEZES NO SERVIÇO: "SE O BANDIDO ENTRAR EM UM ÔNIBUS CHEIO E DESCOBRIR QUE O CAIXA SÓ TEM DEZ REAIS, ATIRA E NÃO QUER NEM SABER"

**“M**eu nome é GILBERTO Alves. Tenho 28 anos e trabalho de trocador. Já tinha trabalhado com isso antes, mas saí fora e depois voltei. Antes, rodava no Guará. Quando voltei, vim pra Planaltina. Pra mim tanto faz. A única diferença é a distância: Planaltina é longe e Guará é perto. Só isso mesmo.

Tô aqui tem dez anos. Tava parado em Minas Gerais e vim passear na casa da minha irmã que mora em Brasília. Arrumei esse emprego e fiquei.

— Espera um pouquinho que eu te dou já o troco, falou?

Trabalho todo dia, de segunda a sábado. Começo às seis e tenho que acordar às cinco. À tarde pego às três e dez. É tranquilo, dá para levar.

Nessa crise que nós tamos passando aí, emprego tá difícil pra caramba e cada um tem que se

virar com o que tem. Não tá dando para escolher pelo seguinte: o mercado tá muito competitivo. E outra coisa: se você não tiver um grau de estudo bom, você não vai ter emprego pra ganhar muito.

Aqui dá pra ganhar e ir sobrevivendo até arrumar alguma coisa melhor. Eu tenho o segundo grau. Motorista é primeiro grau, e trocador é segundo grau. Apesar que acho que não tem necessidade, porque o que você faz aqui até com o nível de quarta série dá pra fazer.

Por dia, na minha mão? Passa uns 700 e poucos reais. Meu salário atual é R\$ 362. Só que com as horas extras que a gente faz aí dá pra faturar uns R\$ 650. Com um dia de trabalho, pago meu salário e ainda sobra.

Pra mim tá bom, não tenho que reclamar de nada. Tô trabalhando aqui, tô morando aqui. A cidade me acolheu de braços abertos e pra mim tá bom.

Já sofri assalto duas vezes. Da primeira, era se-

**MEDO.** O sentimento anda junto com Gilberto, um dos 4,5 mil cobradores do sistema de transporte público do Distrito Federal. Como ele, todos vivem diariamente o pavor de perder a vida atrás do caixa. De acordo com estatísticas do Sindicato dos Rodoviários, no ano passado foram registrados 1.245 assaltos em ônibus, 14,38% a mais que em 1999. Planaltina, onde mora Gilberto, é a quarta cidade com maior índice desse tipo de crime. Foram 81 assaltos no ano passado. A campeã é Ceilândia, com 557 assaltos, ou seja, 44,73% do total registrado em 2000. “Cada vez que o ônibus pára no terminal, o cobrador coloca lá dentro o dinheiro arrecadado no trajeto. Se um bandido entra no ônibus, pode até matar o cobrador se ele disser que não tem a chave. Por causa disso, muitos rodoviários preferem não usar o cofre”, conta João Osório da Silva, do sindicato. Somando cobradores, motoristas e os funcionários que trabalham nas garagens, existem hoje 10 mil rodoviários no DF.

te e vinte da noite no horário de verão. Devia ter na faixa de uns 70 passageiros dentro do ônibus. O cara tava armado com revólver 38. Levou o dinheiro, mas não machucou ninguém. Escalou (rendeu) o motorista, me escalou e levou o dinheiro. Tinha R\$ 375, incluindo dinheiro, vale e moeda.

Não reagi, não. De jeito nenhum. Isso é você mesmo que tem que se ligar. Porque se o cara te assaltar em qualquer lugar e você reagir, você vai morrer, pô! Dá **MEDO**.

Depois que a empresa colocou cofre nos ônibus, você só pode andar com R\$ 10 no caixa. Os R\$ 10 que o cara rouba, a empresa cobre. Mais que isso, você é quem paga.

Mas num ônibus desse aqui cheio de gente, se o cara chegar para assaltar e tiver só R\$ 10, o cara vai meter bala em você. Não quer nem saber.

Para ser sincero, deixo é o dinheiro da viagem todinha. Minha vida não tem preço. Pode levar o dinheiro aí que depois a gente dá um jeito.